

## AS DÚVIDAS DE GUARDIOLA

Filipe Ferreira Ghidetti<sup>1</sup>

---

### RESUMO

Trata de um aspecto periférico para a tematização do futebol nas aulas de Educação Física: a (im)previsibilidade. Toma como base “Veneno Remédio”, de José Miguel Wisnik, e “Guardiola Confidencial”, de Martí Perarnau, para debater questões que cercam o tema, tratando o futebol como uma prática que expressa particularidades da cultura brasileira. Conclui que a aposta na tematização da figura do técnico apresenta vantagem ético-política e é contracultural no Brasil contemporâneo.

**Palavras-chave:** Futebol; Cultura; Educação Física e Treinamento

---

---

1 Doutorando em Educação. UFSC, Florianópolis/Santa Catarina, Brasil. E-mail: [filipe\\_ghidetti@hotmail.com](mailto:filipe_ghidetti@hotmail.com)

## PRÓLOGO

Em uma campanha publicitária do Banco Sabadell, de 2012, ano de seu ocaso como treinador do F.C. Barcelona (FCB), Josep Guardiola protagoniza uma conversa franca com o cineasta Fernando Trueba e faz a seguinte confissão:

Creio que sou incapaz de planejar algo para um tempo maior que meio ano ou um ano [...] O mais divertido da minha profissão é quando *planejo* a partida. É uma maneira de planejar o que vai suceder. É o mais maravilhoso de minha profissão, é *imaginar* a partida que vai acontecer amanhã [...] Com os jogadores que tenho, com as ferramentas que tenho, com o contrário que sei o que faz, *sonhar* com o que vai passar (BANC SABADELL, grifo nosso, tradução nossa).

Um Trueba fascinado interrompe um Guardiola com brilho nos olhos: “E por vezes acontece? Acontece aquilo que sonha?” (BANC SABADELL, tradução nossa). Guardiola contesta em tom quase afirmativo e lembrando que apesar de tudo, o fato de o futebol continuar sendo um jogo é o que dá sentido para a sua profissão (apesar de que tenha sido transformado em um negócio, palavras dele). Trata-se aqui da expectativa de previsibilidade cercada pela assumida e bem-vinda possibilidade de imprevisibilidade. A campanha publicitária tem como marca “*Conversaciones sobre el futuro*” e veio a público na época que se discutia sobre a continuidade de Guardiola no FCB. A conversa tratava das paixões que movem as iniciativas e os esforços, justamente o motivo de Guardiola deixar o FCB. Naquele

tempo, Guardiola dava aos seus jogadores as chaves para vencer as partidas. Dizia que se fizessem como planejado, seguramente venceriam. É conhecido o episódio anterior a vitória do FCB sobre o Real Madrid por 6x2 no Santiago Bernabéu, em 2009, em que o técnico catalão pede a Lionel Messi que desempenhe a função de “falso nove”. O técnico catalão revelara a Trueba o que mais o encanta na profissão de técnico de futebol:

O mais bonito é que se aquilo que tinha pensado e que tinha transmitido aos meus jogadores, durante o jogo, no minuto 10, está acontecendo ou não está acontecendo [...] É o momento de mais plenitude. E se não está acontecendo é porque estaria equivocado ou não saberia as razões porque não funciona. Porque você teria imaginado uma coisa e de acordo com o que se passa, algo está se dando diferente (BANC SABADELL, tradução nossa).

O ensaio que se segue foi pensado como uma análise cultural do futebol, tomando como foco esse aspecto quase colateral, mas também comum a tudo aquilo que é jogo, que é a (im)previsibilidade.<sup>2</sup> Iniciamos aqui uma jornada de apresentação de três personagens da qual esperamos, justamente pelo seu movimento, a expressão de como podemos pensar a (im)previsibilidade na tematização do futebol. É preciso clarificar que esse texto é motivado pelos argumentos de José Miguel Wisnik (brasileiro, músico, compositor, ensaísta, professor de Literatura Brasileira), em “Veneno Remédio: o futebol e o Brasil”, de 2008, por se tratar da obra de maior fôlego na associação dos aspectos internos do futebol (intra-campo) com as

2 Preferimos falar em (im)previsibilidade porque, no futebol, as condições de previsibilidade e imprevisibilidade são complementares no enriquecimento da narrativa do jogo. Portanto, trata-se de um movimento dialético. Cf. Wisnik (2008).

grandes leituras da sociedade brasileira do século XX (extra-campo), compreendendo o esporte bretão, portanto, como um produto da cultura brasileira que expressa suas particularidades e, ao mesmo tempo, dispõe novos significados para esta cultura.

O modo como Wisnik (2008) relaciona cultura específica e cultura geral – compreendendo como determinada parte da superestrutura também influi na ordenação da estrutura social, ao menos no que tange ao imaginário popular – remete a uma tradição do pensamento brasileiro que podemos atribuir no cenário nacional a Roberto Schwarz, Lima Barreto, Antônio Candido, Sérgio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre, Jorge Amado, entre outros; e externamente à tradição da teoria crítica, com destaque para Walter Benjamin e Theodor Adorno. Interessa, nos argumentos do autor, como ele reorganiza a história do futebol brasileiro de modo que fica acessível ao leitor o entendimento de como o esporte bretão abrigado expressa os modos de civilização peculiares, o ritmo próprio de modernizar uma terra abundante, os traços inconfundíveis da sociedade brasileira. Toma a literatura como o grande mote, para fazer uma leitura semelhante no futebol: onde personagens e estórias clássicas (Pedro Malasartes, Macunaíma, Leonardo, o sargento de milícias, entre outros) expressam os modos brasileiros de civilizar-se e modernizar-se, ele vê personagens e estórias clássicas no futebol que fazem o mesmo. Nessa direção, elege a imprevisibilidade, aspecto estrutural do futebol e dos jogadores brasileiros, como o aspecto mais expressivo no que se refere ao estabelecimento do esporte modernizador da Grã-Bretanha em terras tupiniquins. Foi

buscando compreender o futebol brasileiro como alegoria de uma cultura morosa que Wisnik (2008) escreveu um ensaio vasto e denso, que traz como grande contribuição a sua riqueza expressiva que abre muitas frentes para estudos que queiram investigar os nós entre cultura e futebol.

Revisitando Wisnik (2008) e procurando a boa medida de como dialogar com a obra, optamos por dar a nossa argumentação a forma de “cenas”. Essa escolha se justifica pela maneira como o autor faz a sua narrativa sobre o futebol brasileiro, destacando personagens e episódios, tentando extrair daí sentido e fazendo a ponte entre o intra-campo e o extra-campo. Nesse sentido, tomamos emprestado o personagem que aparecerá na nossa “cena II”, para fazer contrastar com os dois personagens que faltam a sua obra, que serão o nosso primeiro personagem e o último. Com essa ordenação, e o movimento de passagem de um a outro por sobredeterminação, pretendemos levar a argumentação do autor para um outro lugar, ir além de Wisnik (2008). Portanto, o que pretendemos neste ensaio é dar uma outra forma, que se sustente em si mesma, para a discussão sobre futebol, cultura e (im)previsibilidade, tomando como base principal a obra de Wisnik (2008).

## CENA I

O primeiro personagem sai das telas de Hollywood, do filme, baseado em fatos reais, *Two for the Money* (TFTM).<sup>3</sup> Brandon Lang, um *quarter-back* (QB) promissor do *College Football*, rompe os ligamentos do joelho justamente quando está a um

3 Na biografia *Beating the odds: the rise, fall, and resurrection of a sports handicapper*, nosso primeiro personagem, Brandon Lang, conta, em primeira pessoa os episódios que deram base ao enredo do filme. É preciso ressaltar a proporcionalidade dos acontecimentos.

passo da *National Football League* (NFL). No enredo, sua jornada se inicia com ele escrevendo uma coluna de palpites sobre apostas esportivas em um pequeno jornal e depois vira um grande nome do negócio das apostas esportivas, um renomado *sports handicapper*.<sup>4</sup> Brandon, essa figura fictícia (mas nem tanto) que agora estamos abordando, era uma criança prodigiosa nos esportes e teve uma formação poliesportiva – comum nos Estados Unidos (EUA) –, investimento justificado pela crença no caráter redentor do esporte naquela cultura. Na primeira cena do filme, a fala de Brandon tenta mostrar como a moral puritanista norte-americana, acessada via esporte, lhe deu a possibilidade de vencer uma infância sofrida. Na biografia, Brandon Lang diz como a aproximação com a igreja protestante (com a concomitante prática de esportes, muitas vezes dentro da igreja) e com sujeitos que ocuparam um lugar paternal em sua vida, lhe deu condições de superar uma infância com abusos e violência doméstica, pobreza e a ameaça da criminalidade na sua cidade. Na sequência, acontece a derrota definitiva que interrompe sua carreira promissora e guarda, por outro lado, grandes possibilidades para as habilidades de previsão e controle do *game* futebol americano, que ele tinha por conhecimento, como uma consciência tática inapelável. Assim, Brandon começa a trabalhar no ramo de forma quase amadora. Mas, devido ao seu alto índice de acertos nos palpites (*picks*), um nome importante da indústria das apostas esportivas o recruta. Interpretado por Al Pacino, Walter é um personagem quase

maníaco e, obcecado pelo dom de Brandon, que iria construir um império ao seu redor. O seu sistema era dividido entre aqueles que elaboravam os palpites e aqueles que vendiam os palpites em troca de comissão. John Anthony (JA), o personagem em que Brandon é metamorfoseado por Walter, é o primeiro a palpar e vender e só lida com grandes apostadores. Grandes carros, apartamentos luxuosos, ternos finos, Brandon vira *the million dollar man*, John Anthony.

Então, a narrativa prossegue em um looping megalomaniaco de derrocada das mega-ambições de Brandon, já contaminado pelo vício de Walter, cuidadosamente camuflado. Brandon então passa por um período de bloqueio mental que leva a sucessivas previsões mal sucedidas, vindo como única salvação um golpe final, para sair daquele abismo criado pela venda-falsificação de uma capacidade (de previsão) que se prova depois, vezes seguidas, incapaz. Com a ajuda da esposa de Walter, que identifica sua recaída no vício, Brandon arma o golpe final: um último palpite, equilibradamente calculado e previsto, mas que dá certo por imprevisibilidade. Brandon salva Walter, que tinha apostado tudo neste último palpite, e deixa o negócio das apostas.

Arraigado no ethos esportivo, Brandon é efetivo; enquanto JA, perde sua capacidade de previsão ao ponto de decidir palpites no cara-e-coroa. Por sua vez, Walter é quase o inverso de Brandon, um viciado inveterado. Para Brandon, esporte é pureza, é o lugar de reverter tudo o que está errado em correto. Para o seu pai, esporte era como

4 No contexto retratado por Lang (2009), trata-se de uma profissão do ramo multibilionário das apostas esportivas, do agente responsável por prever os resultados dos jogos semanais de diferentes esportes, e assim aconselhar os apostadores a fazer uma aposta que possa lhes trazer algum retorno financeiro.

religião e ele competia para o deixar feliz e mantê-lo em casa. Do outro lado, para Walter o esporte é um negócio lucrativo e ele se declara avesso à religiosidade de Brandon:

As grandes redes não falam a respeito, o governo não consegue cobrar impostos, mas a aposta esportiva é um negócio de 200 bilhões de dólares por ano [...] Aposta esportiva é ilegal em 49 estados, incluindo este aqui. Mas o que a gente faz, não é. Nós somos 100% legal, como *stockbrokers*, mas ao invés de contar ações, nós aconselhamos as pessoas sobre como apostar (TWO FOR THE MONEY, tradução nossa).

Para o *sports handicapper*, assim como para o esportista, o objetivo é vencer e as armas que Brandon mobiliza são as mesmas que dispunha enquanto QB: “[...] todo QB sabe que a chave para a vitória é a *antecipação*. É a habilidade de ver o futuro e reagir ao mesmo [...] Eu *conheço* as ligas. Eu *conheço* os times. Eu *conheço* os jogadores” (TWO FOR THE MONEY, tradução nossa, grifo nosso). Em outro momento, ele tenta intimidar um dos “peixes grandes”, travestido de JA: “Como alguém como você pode se dispor a perder tanto em uma aposta para, de fato, sentir uma vitória de verdade? Vencer é uma coisa engraçada. É uma dessas raras mercadorias que o dinheiro não pode comprar... até você me ligar” (TWO FOR THE MONEY, tradução nossa). Ou seja, Brandon passa a vender a droga *winning*. O que define Brandon é sua habilidade, estudo e análise multifatorial das partidas. De bons prognósticos esportivos (algo que se relaciona realmente com a gramática do esporte) ele passa a vender uma droga. JA é muito mais relacionado com o mercado de ações, e Walter lhe pressiona a criar uma “voz” para persuadir os apostadores a

investir até o que não têm em busca do que não podem ter. Pelo desenrolar da história, quando Walter volta a apostar, fica claro que o filme tenta mostrar que Brandon, enquanto JA, vira um personagem que vende uma espécie de droga. Fica retratada uma forma de não se relacionar com a realidade devido a possibilidade de a tapear, invertendo os códigos do ofício do QB. Nosso primeiro personagem, desfigurado em três (Brandon-Walter-JA), expressa portanto, o descompasso na cultura americana que coloca de um lado a ética puritana (e o ethos esportivo), e de outro, essa mania de grandeza, que vemos nos mercados financeiros.

No seu livro sobre o futebol brasileiro, vemos Wisnik (2008) apresentar a tese de que o nosso futebol é mais expressivo que o americano por ter uma margem de acontecimentos incontabilizáveis que resultam em uma sobra significativa, substrato de uma narrativa mais rica. Para o autor, no futebol americano, cada ganho é milimetricamente sinalizado enquanto o nosso futebol se entrega as contingências. Por isso, o nosso futebol não se dobraria à programação prévia e por esse motivo não interessaria aos americanos (por não aceitação do que sobra), porque o futebol não pode ser “[...] uma demonstração cabal e serial de competências” (WISNIK, 2008, p. 20). Essa lógica contabilizante através da qual não só o futebol americano, mas como todos os “esportes americanos” funcionam, otimiza o controle das ações. Ele vê o futebol americano como um esporte marcado pela mensuração ostensiva, choque corporal regulamentado, porém mais duro, com a projeção da bola sempre para a frente. Já o futebol brasileiro vive e tem seu germe na imprevisibilidade, que é o que marca o jogo e abre espaço para a

expressão do descompasso social causado pela escravidão, de sermos potentes no jogo e deficientes na organização social. Para o autor, o futebol americano injeta no rúgbi o máximo de rendimento programado, excelência em cada aspecto do jogo (vide a sua planificação científica-estatística). Por sua vez, “[...] o futebol brasileiro extraiu do futebol inglês o máximo de diferença” (WISNIK, 2008, p. 142). O futebol americano elimina, por exemplo, a simultaneidade de ataque e defesa e eleva ao máximo a lógica aristotélica ou lógica do terceiro excluído (ou uma coisa é A ou não-A): “Tudo isso em nome da efetuação de um programa prévio cuja realização em campo possa ser apreciada como um matemático aprecia uma demonstração rigorosa” (WISNIK, 2008, p. 143). O choque de massas físicas revela subitamente um programa coletivo em execução: “Ações massivamente concatenadas em que qualquer devaneio [individual] é imediatamente sufocado” (WISNIK, 2008, p. 144). Há até uma objetividade na bola a ser carregada, que é ovóide, diferente da bola de futebol que é viva.

Em suma, na obra em questão, o futebol americano é o mesmo daquele do Brandon Lang, *quarter-back* implicado em prever as melhores iniciativas para controlar os choques da natureza vigorosa de dentro do campo. No entanto, o filme anuncia, como vínhamos dizendo, o descompasso entre a ética pragmática-protestante subserviente ao capitalismo (ética que é moeda corrente nos esportes e nas narrativas que o acompanham, especialmente as hollywoodianas) e o dopamento geral que

acompanha essa mania de crescimento no capitalismo tardio<sup>5</sup> e suas bolhas e quebras históricas dos mercados financeiros. Anuncia portanto, junto a uma outra figura de futebol americano, uma outra face deturpada da previsibilidade, em Walter e John Anthony (JA). Destacamos a elevação ao extremo da previsibilidade, capacidade de planejamento e controle, e, sua conversão em uma burla dessa capacidade por elevação ao paroxismo, conversão em jogo especulativo. Voltemos a argumentação do autor:

Assim, ao contrário do futebol, em cujo cerne se encontra uma sarabanda de ‘lógicas’ que relativiza e inverte ludicamente as propriedades do capital, o futebol americano é uma construção simbólica que redobra estruturalmente, em seu campo, os princípios opositivos de ciência positiva (a lógica do ‘terceiro excluído’) e do sujeito de sobrevoê que regula os objetos (a performance ideal sendo concebida como a efetuação ótima de um programa previamente traçado) (WISNIK, 2008, p. 146).

Ou seja, essas duas lógicas que o autor identifica tanto no futebol americano como no futebol (como veremos mais adiante) são o que, para ele, torna o jogo americano proporcional às relações de capital que regem a cultura americana (tanto quanto ao infra quanto ao superestrutural). Isso seria esse desejo por previsibilidade que marca a cultura de lá e ganha contornos nos meandros do esporte da bola oval, como por exemplo o QB – como o nosso personagem – que atua diretamente

5 Para nós, dois aspectos do capitalismo tardio são centrais aqui: 1) a hiperindustrialização, que transforma a vida cultural em objeto capitalizável, retratando a tomada do esporte pelo mercado; 2) o caráter especulativo do capital, que se flexibiliza em face ao trabalho e se condena a crises periódicas de valorização.

no jogo com uma lista de jogadas no seu antebraço (*forearm*). Mas Wisnik (2008) perdeu alguma coisa ao analisar o futebol americano como esse gozo coletivo com a confirmação da previsibilidade inerente à realidade quando controlada pelo homem e demonstrada em campo: o fenômeno das apostas esportivas.

O *gambling* (apostar), no futebol americano é uma lógica transversal que está associada ao *cheating* (trapacear) e a lograr a realidade ignorando seus limites materiais. Trata-se de um fenômeno específico do capitalismo tardio, com a expansão da industrialização. Se o futebol americano oferece uma confirmação não-verbal e figurativa da eficácia do planejamento global que se dirige as dificuldades do real, o nosso primeiro personagem ilustra como a previsibilidade alcança um outro patamar. Onde Wisnik (2008) vê a otimização do rendimento e o planejamento exaustivo como núcleo duro da cultura americana, nós vislumbramos outros contornos: naquela cultura, o sujeito de sobrevôo também nutre um gosto pela vertigem, brinca com o controle e solta as rédeas de vez em quando. Nesse sentido, Lang (2009) fala da relação umbilical entre esporte e apostas e atribui a expansão das redes de transmissão à vontade do consumidor de participar ativamente apostando nos jogos. Com essa toada, o esporte da bola oval parece expressar já uma outra faceta de sua pátria mãe, os desejos escusos de não estar sempre em serviço, para usar as palavras de Wisnik (2008).

Portanto, ainda que nos esportes americanos possa haver um engendramento da previsibilidade, tanto nas regras quanto nas técnicas de controle das ações na demonstração *cabal* de competências, essa previsibilidade nunca consegue se fechar sobre o esporte e seus acontecimentos semanais. Mesmo nos EUA, e em suas práticas culturais, a previsibilidade é quebradiça. Assim, era essa figura da previsibilidade que pretendíamos mostrar para sobredeterminar uma outra na terceira cena, uma figura da previsibilidade diferente daquela mostrada por Wisnik (2008). A efetividade quanto a compor o mundo em um panorama previsível é limitada, mas o que pode vir a se tornar essa habilidade a partir daí?

## CENA II

Por sua vez, Garrincha é Garrincha. Ele é colocado pelo autor de “Veneno remédio” como o personagem de maior destaque do futebol brasileiro ao lado daquele que é considerado o maior jogador da história do futebol mundial. O atacante que marcou mais gols na história do futebol mundial, 1.285 no total, é emparelhado por Wisnik (2008)<sup>6</sup> com Garrincha, nosso segundo personagem. Quando, normalmente, o atacante é colocado como o mais importante, por ser aquele que atinge o objetivo do jogo (*goals*), o Garrincha retratado pelo autor é mesmo a sobra significativa. Habitava os flancos do campo, não fazia muitos

---

6 Há aí não uma relação de igualdade mensurativa, mas qualitativa, de importância quanto ao cenário geral do futebol brasileiro. Eis o que os emparelha ainda que exista uma assimetria reconhecida: “Se Garrincha remete a uma conjunção disparatada e surpreendente de todos os elementos reconhecíveis da formação brasileira, Pelé os transcende e compacta numa resolução tão concentrada que torna difícil falar sobre ele” (WISNIK, 2008, p. 273).

gols e é lembrado mesmo por “entortar” os zagueiros, algo que não influi diretamente no resultado do jogo (às vezes ele até parava e esperava o adversário se levantar para driblá-lo mais uma vez). O autor destaca o “driblar” de Garrincha, que elevava ao extremo as possibilidades do drible. Torto como nasceu, driblava até o drible: onde normalmente se anuncia sair à esquerda e se sai à direita (e vice-versa), forma comum do driblar, ele anunciava vez após outra sair pela direita, e, brincando com o adversário, por ali mesmo saía. Ele fazia o adversário se perder em suas estradas tortas de beira de campo.

Esse era Garrincha, uma mistura de fantasia, invenção e improviso. Nos 3 minutos que até então (no confronto com a URSS na copa de 58) eram os mais importantes da história, de um futebol jamais visto, que desmontou “a virtual onipotência científica, por uma espécie de ‘tecnologia’ nativa, o drible ao cubo” (WISNIK, 2008, p. 267), o Brasil teve um personagem principal, Garrincha. Nesses breves minutos, o campo foi “varrido” por uma cascata de *elipses*: “A linearidade do percurso da bola é alterada continuamente por lapsos não lineares, que tornam difícil ao adversário habituado à prosa do jogo ‘achar’ onde ela está” (WISNIK, 2008, p. 272). Garrincha era capaz de tudo isso por transformar seus déficits em vantagens, suas pernas tortas em caminhos imprevisíveis, um outro Macunaíma:

Sonso, enganosamente retardado e precoce, imprevisivelmente ligado e desligado do tempo do jogo, dono de um drible que podia ser tanto a solução quanto a perdição por excesso, Garrincha era uma espécie de incógnita do dilema brasileiro, colocado entre as mazelas do atraso e as promessas de

sua originalidade no modo de inserir-se na realidade dos tempos modernos (WISNIK, 2008, p. 273).

Trata-se aqui de um antiatleta, um ser estranho aos cânones da medicina esportiva. Garrincha foi o mesmo do começo ao fim, em Pau Grande ou no Rio de Janeiro, e parecia habitar um mundo distinto daquele do QB do qual falávamos a pouco, planejado e controlado. O mundo dele conservava uma certa característica animalesca, pois era

[...] mundo em que os limites são difusos e resvaladiços, e onde os princípios da realidade, da hierarquia e da temporalidade vacilam num jogo indeterminado, que transcorre a convivência de gaiolas, atiradeiras e arapucas com a velha bola de meia [...] tudo sob o signo totêmico do Pau Grande (WISNIK, 2008, p. 278).

O pau-grandense vivia o esporte como vivia em outros momentos de seu cotidiano, quando a ludicidade imperava. Nunca saiu do *amadorismo* e sobressaltava as relações profissionais a partir de sua malandragem sempre presente. Mesmo no Botafogo de Futebol e Regatas foi apadrinhado, assinava contratos em branco. No seu tempo, a própria figura do técnico era apenas responsável por “[...] reprimir as pulsões malandras desse conjunto de futebolistas sempre prontos a escapar da concentração” (WISNIK, 2008, p. 279). No que se segue, Garrincha tem um fim dramático, com uma lesão séria de um dos joelhos anunciando o fim precoce de sua carreira. Para além disso, o amadorismo com que conduziu sua passagem pelo futebol profissional acaba trazendo problemas financeiros quando para de jogar. Entregue ao alcoolismo, ele acaba morrendo. Se faz nítida, portanto, a ponte

feita por Wisnik (2008) entre Garrincha e os grandes malandros da literatura brasileira. Malandragem entendida como expressão do recurso individual em face às estruturas sociais desiguais que permanecem as mesmas ainda que existam as artimanhas do malandro, que se safa.

Ampliemos agora o cenário, o fundo dessa nossa segunda figura. Em “Veneno Remédio: o futebol e o Brasil”, Wisnik (2008) caracteriza o futebol como linguagem, uma narrativa que expressa questões sociohistóricas de forma dissonante das lógicas correntes. O ensaísta mostra como o esporte surge do impulso modernizador na Inglaterra, da gestação e difusão dos modos *gentleman* de se constituir, enfim, de um certo modo de civilizar. Diz ainda que no Brasil o papel do futebol foi distinto, e, na contramão de ser algo que engendraria um modo de ser, transformou-se em lugar fora das ideias, inglesas e burguesas, que por sua vez se encontraram fora de seu lugar. O futebol acabou funcionando como um catalisador das violências potenciais da desigualdade social, representadas pelos “capoeiras” no Rio de Janeiro e pelo movimento cangaceiro no Nordeste. Assim, aquele impulso inglês de conformação do que era jogo em um esporte de regras pré-estabelecidas – difusão dos modos burgueses-capitalistas, de igualização das condições de disputa, de circunscrição de um cenário estéril, quase científico, a introjeção de um sujeito onisciente que controla o jogo do alto – é transformado. Nesse sentido, as características internas do jogo, assim como sua massificação, e seu processo de apropriação popular mudam essa forma cultural que surge com o intuito de dar forma lúdica ao mito da concorrência universal. Além disso, o futebol se hibridiza

a partir de lógicas distintas: permite as lógicas da *prosa*, de ênfase defensiva que visa ser a conclusão de um raciocínio visível e a lógica da *poesia* que cria espaços inesperados principalmente a partir do drible e acha soluções onde não se espera. As lógicas da prosa e da poesia, o autor do livro retira do italiano Pasolini, que mostra como a lógica da prosa, imperativa no futebol europeu guarda um certo desprezo pelo drible. Já a lógica da poesia no futebol é baseada no jogo de dribles e toques de efeito que ao mesmo tempo são gratuitos e eficientes, abrindo caminhos não lineares, onde o gol pode ser inventado por qualquer um e de qualquer posição do campo.

Esses aspectos se atrelam a construção de uma identidade para o futebol no Brasil. O que está em jogo aqui é a herança de uma sociedade escravocrata, onde *obrigação* quer dizer afazeres dos tempos de cativo (Machado de Assis), onde o “homem cordial” desconhece o espírito público, falta uma moral para o trabalho e a noção de que a organização racional entre os homens leva à coesão social (Sérgio Buarque de Holanda), acarretando na contaminação da esfera pública por interesses privados. Em suma, a modernização no Brasil – onde a dialética entre ordem e desordem é permitida – foi descompassada do resto do mundo e o futebol, inculcador de modos modernos, vira outra coisa.

Pobres se apropriam do esporte aristocrático de forma antropofágica e o ressignificam como reino da sobra, das ações não-contabilizáveis, da *lógica da diferença* que é aleatoriedade ativa. Enquanto *donos da bola*, usurpamos esse objeto sagrado de seus usos convencionais e profanamos em outros usos. Os ricos, por sua vez, se comportam como *donos do campo*, e, fazendo

uma ocupação organizada do mesmo, cobrem as possibilidades de sucesso e fracasso na empreitada.

Wisnik (2008) ainda fala da prontidão do corpo afrodescendente, que é, ao mesmo tempo, desenvoltura e carência. O futebol deu aos escravos a possibilidade de brincar com a obrigação. Nesse sentido, o futebol é essa espécie de veneno remédio que expressa como essa parcela da população esteve/está excluída e como a participação bem sucedida no futebol prescreve a necessidade de mediação justamente pelo sucesso no esporte se dar na contramão de um não sucesso na organização social. Há uma negação da realidade em vista das dificuldades de realizar algo em contraste com a submissão da realidade ao princípio do prazer. A tendência à racionalização, também interna ao esporte bretão, que se expressa tardiamente nas tentativas de otimização do rendimento, na figura do *técnico* e na circunscrição científica do futebol, entre outros aspectos, é respondida no Brasil através do que identifica como tendência elíptica. A elipse é uma brecha na linearidade do jogo, historicamente consolidada por Garrincha em forma de dribles e outras jogadas desconcertantes: “Nesse sentido, o drible é elipse, para usar um termo técnico da retórica, isto é, uma perturbação da linearidade que produz um efeito *poético*” (WISNIK, 2008, p. 270, grifo nosso). Como professor de Literatura que é, Wisnik (2008) retrata um aspecto do futebol como um efeito de linguagem, conseguindo portanto, mostrar a expressividade do futebol brasileiro e sua figura principal, da qual já falamos. Mas, aqui vale abrir um parêntesis.

O que seria, então, a imprevisibilidade? Em Wisnik (2008), a imprevisibilidade

aparece configurada em três faces: na “lógica da diferença”, na “elipse” e na “poesia”. Considerando que são três ideias, das quais, a primeira e a última ele toma de empréstimo, a imprevisibilidade de que estamos falando seria o que é a *elipse* para ele. O autor retira de Luiz Sérgio Coelho de Sampaio e seu artigo “Lógicas do futebol”, que o futebol tem lógicas que o regem e que dentre estas lógicas articuladas, a imprevisibilidade faz parte, como lógica da diferença. Vejamos as lógicas: 1) a lógica clássica do terceiro excluído:

Se o ‘princípio do terceiro excluído’ consiste em sustentar que uma coisa é A ou não-A, e que não existe uma terceira, o código futebolístico, resumido num conjunto de dezessete regras, pretende dirimir toda e qualquer dúvida sobre as inumeráveis situações particulares do jogo enquadrando-as, uma por uma, na desejada moldura de suas distinções esgotantes e inequívocas (WISNIK, 2008, p. 121).

Trata-se da tentativa de cercar tudo o que pode acontecer no jogo e delegar essa tarefa para arbitragem e mais tarde para o técnico; 2) a lógica transcendental, encarnada pelo árbitro que funciona como um sujeito de sobrevôo. O juiz vai se valer das regras, assim como um cientista se vale das leis que explicam a natureza e vai aplicá-las como o sujeito de sobrevôo que vê tudo acontecer do alto; 3) a lógica da dialética, que prevê que um time está para o outro, num jogo de afirmação e negação para o qual a vitória é sempre provisória; 4) a lógica da diferença, que se trata da intervenção do acaso e de fatores aleatórios de diferentes ordens. No entanto, destaca-se aqui a possibilidade de controlar a lógica da diferença, como quando Pelé tabelava com

as pernas dos zagueiros adversários, ou seja, de aleatoriedade produzida.

Assim, o futebol, brasileiro, sobretudo, inverte a ordem natural em que as lógicas estão dispostas no mundo moderno. A lógica da diferença, uma lógica acidental em face aos princípios racionalizantes (as duas primeiras lógicas), acaba tomando de assalto grande parte das ações significativas do jogo, no cenário brasileiro. Ela é associada à lógica da poesia de Pasolini (que já retratamos acima) e interpretada como eclipse pelo autor, como já fora dito.

Mas, a característica elíptica do futebol brasileiro, segundo Wisnik (2008), não favorece a civilização do povo porque é uma tradução da vantagem da natureza no embate com a cultura, ou seja, é déficit de cultura. Por outro lado, a partir de 1998, o autor entende que acontece a capitalização de todos os âmbitos do futebol, o que acarreta uma erosão do seu simbolismo, com o que o futebol brasileiro tenta resistir a partir daquilo que lhe é específico, mas volta e meia sucumbe aos ditames do mercado. O mercado assume a frente daquilo que é expressivo e torna comercializável: “[...] o capital assimila e converte tudo o que lhe interessa ao valor da marca, que ele extrai justamente de uma vinculação ao gosto” (WISNIK, 2008, p. 358).

Porém, entendemos que a crítica cultural empreendida por Wisnik (2008) a partir do futebol, brilhantemente realizada em relação à metade do séc. XX, perde sua força quanto ao seu enraizamento nos aspectos internos do jogo quando fala do séc. XXI. Depois da Copa de 1998, a análise passa a ter um tom: dizer como a capitalização circunscreve todos os âmbitos do futebol e a antiga dialética prosa-poesia, com a qual o futebol brasileiro pendendo

para forma poética de jogar, se tornava soberano no futebol mundial, debilita-se. É assim que ele explica a derrota de 1998, a vitória de 2002 e a derrota de 2006. Em 1998, destaque para a capitalização do esporte com o potencial poético deixado de fora, com o corte de Romário; em 2002, a vitória a partir de lampejos de futebol poético, elíptico, ainda que Romário tenha sido deixado de fora; e em 2006, a derrocada do representante maior do futebol científico-pragmático (para o autor), Carlos Alberto Parreira, que conseguiu deixar “quadrado” o que era mágico. A própria figura de Ronaldinho, que segundo Wisnik, domina todo o repertório elíptico do futebol brasileiro, converte o recurso de olhar para o outro lado ao passar uma bola – que participaria do jogo em caráter de imprevisibilidade – em cacoete, em marca, o que denunciaria o ápice do controle mercadológico do jogo.

Para simbolizar como Wisnik (2008, p. 389) submete sempre o intra-campo ao exame de uma mesma lógica, separamos a seguinte passagem: “[...] impressiona a resistência da velha síndrome: a tendência a refugar o embate com a aspereza das coisas através da sensação de vitórias obtidas (que são dadas como prontas desde sempre, e não objeto de conquista da auto-superação)”. Entendemos que é essa permanência que é difícil sustentar quanto aos aspectos internos do jogo, não tanto se pensarmos que ele está falando principalmente quanto ao lugar do futebol na cultura. O livro se põe a discutir futebol dentro das quatro linhas, mas termina falando sobre comportamentos relativos ao futebol, como a publicidade. A distância temporal quanto a alvorada do futebol brasileiro joga a favor do autor por contar inclusive com grandes obras que desnudam a sociedade brasileira.

Nesse sentido, a proximidade do século XXI, joga contra. Assim, o último capítulo fala principalmente de cultura brasileira. Por fim, é importante ressaltar o que é mais significativo no livro, a caracterização do futebol como um “[...] vetor inconsciente por meio do qual o substrato histórico e atávico da escravidão se reinventou de forma elíptica, artística e lúdica” (WISNIK, 2008, p. 405). E o principal expoente desse vetor é Garrincha.<sup>7</sup>

No entanto, o futebol como potencial de sublimação da violência em sua iminência social, acaba mostrando-se como veneno remédio, confirmação do paradoxo da escravidão brasileira como um mal nunca superado e, ao mesmo tempo, um bem que deu amplitude de humanidade. O autor destaca que é justamente com a tomada do palco futebolístico pelos interesses mercadológicos, que essa possibilidade de expressão e sublimação da violência é perdida, não há mais o palco da conciliação das desigualdades sociais. A dualização de palcos (no caso, futebol e sociedade) para os negros se torna cada vez mais nítida e uma cultura notável por seu alcance inventivo germina em incultura. O malandro se metamorfoseia em criminoso no palco social (ROCHA, 2004) e o futebol brasileiro perde sua identidade, seu potencial estético para as forças do mercado transnacional no palco futebolístico.

Entretanto, é justamente na dificuldade de Wisnik (2008) em identificar os movimentos do futebol do século XXI que se apoia nossa reflexão. Em resumo, Wisnik

identifica que a condição brasileira, calcada numa certa imprevisibilidade, falha em ser uma alternativa as aporias da modernização. A dialética da malandragem abre espaço para uma dialética da marginalidade (a qual já voltaremos), e o potencial cultural do futebol brasileiro, neste caso, contracultural (ao resto do mundo) naufraga. Mas, vejamos: Wisnik perde coisas significativas do futebol do século XXI, como a revolução guardioliana. Adiante, com a apresentação do último personagem, encerraremos nossa análise num duplo viés, o intra-campo e o extra-campo, problematizando o privilégio da imprevisibilidade criadora sobre a previsibilidade que move a figura do técnico.

### CENA III

O técnico é, para Wisnik (2008), a figura, à beira do campo, que atua em cima de dois princípios que perpassam o futebol: o da eficiência contabilizável, vista sobretudo nas organizações empresariais e o princípio identitário, da subjetividade absoluta que atua do alto controlando o objeto, vista nos ordenamentos da lei. O técnico disputaria com o juiz, o lugar do sujeito transcendental, capaz de ver e dizer a verdade sobre o que se passa em campo. Conflitos entre juiz e técnico, são para Wisnik (2008) como os conflitos entre os interesses do capital e as instâncias da lei. Representante do capital que é, cabe a ele interferir em tempo real sobre as forças em jogo:

---

7 “Seu emblema puro [da imprevisibilidade criadora], supremo e arquetípico é, naturalmente, Garrincha, em quem vimos e vingamos, para sempre, a prova de que a diferença não se opõe ao rendimento” (WISNIK, 2008, p. 133).

A progressiva ascensão e vedetização do técnico, sua emergência protagônica na cena do jogo e fora dele, nas últimas décadas, descreve exatamente a subida do princípio racionalizador para um lugar que se quer dominante e total. O que é um índice, certamente, da pressão pela tomada do campo do jogo por um princípio planejador externo, compatível com o controle de produção e a tecnologia mercadológica (WISNIK, 2008, p. 130).

Chegamos assim ao nosso último personagem na nossa estória sobre (im)previsibilidade e futebol: Guardiola. Nosso mote agora é “Guardiola Confidencial”, do jornalista Martí Perarnau, que viveu por dentro, o primeiro ano de Guardiola no Fußball-Club Bayern München (Bayern). Na contracapa do livro de 404 páginas, um comentário do jornal “Scotland Now” chama a atenção: “Perarnau era a mosca na parede, armada com um notebook”. É justamente isto que nos permite recorrer a esta obra para fazer a nossa caracterização: o acesso inédito aos modos de trabalhar do treinador catalão. É a maneira como Guardiola pensa o jogo que nos interessa agora.

Antes, procuramos mostrar que Wisnik (2008) perdeu, por uma questão histórica, a revolução guardioliana.<sup>8</sup> Guardiola marcou poucos gols na carreira, mas era obstinado em organizar o jogo. Hoje, é obstinado em vencer, mas não se preocupa com a beleza do jogo. De maneira distinta, entende que se seu time joga bem tem mais chances de vencer, o que é diferente de jogo bonito. Por meio de um olhar curioso,

Perarnau (2015) questiona o motivo de o Bayern ter ido buscar o catalão depois da temporada mais vencedora da história do clube, que tinha conquistado a tríplice coroa com Jupp Heynckes. Acontece que o Bayern queria uma *forma* de jogar que fosse mais estável, que, em um prazo maior, levasse o time a grandes conquistas, queriam construir um império. Guardiola pensa o jogo como um enxadrista e grande parte de seu trabalho cotidiano é estudar, os adversários principalmente, por meio de vídeos, imagens.

O nosso terceiro personagem encarna a gênese da ideia no futebol atual e dois episódios merecem ser citados aqui. Na primeira cena, Guardiola está prestes a enfrentar seu primeiro clássico no Bernabéu. No início de 2009, no centro de treinamento do Barcelona, o técnico estudava já há algum tempo o seu adversário, quando identificou uma solução. Há tempos que o Barcelona estava tendo o seu jogo bloqueado pelos meio-campistas do Real Madrid que estavam subindo a marcação e anulando o meio-campo do Barcelona. Mas, no intuito de gerar pressão, eles deixavam um espaço enorme na frente da “zaga” que não subia para compactar o time. Já era de noite quando se deu conta disso e ele estava sozinho no centro de treinamento. Pegou o telefone e pediu que Lionel Messi viesse lhe encontrar imediatamente. Pediu para o argentino que preenchesse esse espaço e quando recebesse a bola nesse vazio corresse rapidamente em direção ao gol. Resultado: 6x2 em pleno Santiago Bernabéu.

8 Ele opõe ao Garrincha, encarnação da imprevisibilidade criadora, a figura do técnico, que representa a tomada do campo pelo princípio do planejamento, que é externo e corresponde ao controle e produção mercadológica. O próprio talento individual fica suscetível a avaliação do seu custo-benefício. É a completa racionalização do jogo que é problematizada por este autor.

A segunda cena é mais recente, durante a estadia de Perarnau no centro de treinamento do Bayern. O Bayern não vinha muito bem e o técnico entendia que os atletas não estavam compreendendo suas ideias e o time não jogava bem. É costume do técnico catalão se recolher para analisar e é quando ele constrói e desconstrói seus times a partir de ideias. Sozinho em seu apartamento, Guardiola achava uma solução. O time não estava sabendo “ter” a bola e a estava circulando inutilmente de uma ponta a outra, passando pela defesa sem desmanchar ou desestabilizar as linhas adversárias. Na frente de seu laptop, ele tem uma nova ideia: “Guardiola estabelece em seu time os falsos meias, naquele que sem dúvidas será o principal movimento tático de sua primeira temporada no Bayern” (PERARNAU, 2015, p. 184). Os laterais adiantados se comportariam como meias. O que importa nessa inovação é que Lahm, ao carregar a bola, divide as linhas adversárias ao obrigar que um adversário da segunda linha o venha marcar. Guardiola sobrecarregou assim a segunda linha do adversário (aquela postada para fechar o meio campo) que deve se desdobrar para cobrir o avanço de Lahm com as opções dos laterais por dentro. Com quatro marcadores para cinco atacantes (Alaba, Bastian, Kroos, Rafinha e Lahm) cria-se superioridade numérica e desestabiliza-se a linha de marcação do adversário abrindo espaços, e ainda permite roubar a bola mais perto do gol adversário.

Perarnau (2015) diz que Guardiola guarda na cabeça o mapa do tesouro: “Um mapa secreto que contém enigmas e mistérios, uma intrincada rede de palavras e uma linha de pontos descontínuos que vão se unindo à medida que ele resolve os problemas surgidos ao longo do caminho” (p. 187). Mas, o que vemos ao longo do livro é que esse mapa nunca se fecha, nunca se torna cartografia. Por isso, mapa do tesouro, porque guarda o inextricável, incerteza. Guardiola duvida de tudo e respeita o aspecto incontrolável intrínseco à paisagem misteriosa do futebol (*mysterious landscape*).<sup>9</sup> Wisnik (2008) entende que a imprevisibilidade se dá devido a características intrínsecas ao esporte (que permanecem) como a bola e o campo, mas também a sua apropriação histórica (marcada pela elipse), principalmente no Brasil. A epígrafe do livro-diário de campo de Perarnau é sugestivo: “Aos que têm dúvidas. Porque eles estão certos”. E assim define Guardiola, como um homem que duvida de tudo.

Estamos chegando aqui no tipo de previsibilidade (habilidade de prever) que estamos querendo abordar. O planejamento tático, a tentativa de controlar todas as ações do jogo, nunca pode se dar de forma total, como Wisnik (2008) atribuía a figura do técnico. Guardiola tem consciência de que o futebol é um jogo dominado como um negócio, mas que permanece um jogo. Por saber que a enxurrada do tempo leva tudo, admira a tradição: “E com o tempo,

---

9 *Mysterious landscapes* (paisagens misteriosas), como são os motivos das pinturas de Paul Cézanne. Em “A dúvida de Cézanne”, Merleau-Ponty mostra como Cézanne queria mostrar como percebia os objetos, em movimento. Buscava a realidade e se negava os meios de alcançá-la, contrariando a tradição renascentista e a noção de perspectiva. Ao recusar o traço em benefício da cor, buscava a voz das coisas. Mas, com os estudos da tradição em suas idas constantes ao Louvre, ele buscava as semelhanças com a natureza. E eram justamente essas semelhanças que podiam desprender suas obras de sua vida individual.

quero poder deixar na lembrança da torcida do Bayern muitos jogos deste tipo [quando jogaram partidas brilhantes]. Afinal, todos sabemos que, passado certo tempo, isso tudo vai acabar um dia” (PERARNAU, 2015, p. 404). Por isso deixou o Barcelona, se interessa por equipes tradicionais e não suporta ficar muito tempo em um só lugar. Quer se tornar mestre em futebol, então o estuda, aperfeiçoa táticas antigas. Guardiola diz sempre que o importante é que os jogadores adotem suas ideias.<sup>10</sup> É como se ele soubesse que a porção de natureza que procura “pintar” é que responde às suas investidas, é ela que tem a prerrogativa da correspondência na realidade. Guardiola “come e dorme” futebol, pede que seu time avance sempre em conjunto, se ordenando e desordenando os adversários pelos passes. Por isso, a importância de dar uma forma para o time em campo, para colocá-los em posição de superioridade no campo, ter mais opções para vencer as partidas. Ora, a ideia essencial do “ataque posicional”, que é como vem sendo definido o estilo de jogo parecido a esse que estamos descrevendo, é estar sempre em posição que te dê a prerrogativa, as vantagens na tomada de decisão, ter mais possibilidades de fazer o gol do que de tomar o gol. Pois era essa a essência do jogo individual do Romário dos mil gols, já envelhecido: conhecer os “atalhos” da grande área. Perarnau (2015) diz:

Como vimos ao longo da temporada, um time é um ser vivo e não uma foto

imutável. Flui, cresce, retrocede, avança... Um time é feito de momentos que marcam as conquistas. [...] Um time é um caminho às vezes novo, inédito e cheio de aventuras. Outras vezes, é um caminho conhecido, repleto de rotinas necessárias e repetitivas [...] O caminho do futebol sempre volta a começar, porque não tem final (p. 404).

Tudo, em verdade, se resume à isto, como diz o próprio Guardiola: “A questão na verdade é deixar algo que eu possa sentir como próprio, a *minha maneira de jogar*” (PERARNAU, 2015, p. 401, grifo nosso). Isto é importante, porque a forma que ele busca dar a equipe não se estabiliza, mas se manifesta mais ou menos, de vez em quando, quanto à sua plenitude. Guardiola é um mestre da forma dentro do futebol. Por isso é fã do ataque posicional, que supõe o planejamento da superioridade numérica nas ações, quanto às oportunidades a partir da posição, e por isso o planejamento desde a saída de bola. Mas, essa figura também manifesta um paradoxo: “ganhar títulos lhe dá tempo para construir o futuro [...] [no entanto] a verdadeira satisfação a gente sente quando percebe que o time é seu e joga como você quer” (PERARNAU, 2015, p. 399). Ora, mas o objetivo do futebol não é ganhar títulos?<sup>11</sup> Ele contesta que, naquela oportunidade, ele achava que precisava de mais tempo porque o que pretende criar vai contra a cultura alemã. E prevê uma dupla adaptação, dele e dos jogadores. Depois reconheceu que jogaram mal com o ataque

10 Ideias que denomina de conceitos, que aperfeiçoam o jogo em campo desde a saída de bola até a gestação de jogadas potenciais de gol, e que guarda para introduzir junto ao time na hora certa, sob risco de “queimar” os conceitos por incompreensão dos jogadores ou por introduzir muitos conceitos de uma vez só.

11 Alguns técnicos brasileiros que já conquistaram algum capital, tiraram um período sabático para estudar o futebol na Europa (Tite, Mano Menezes, Dorival Júnior e, mais recentemente, Muricy Ramalho). Destacamos assim a tendência a capitalizar para poder aperfeiçoar as formas de jogo, de pensar e elaborar o jogo em campo.

posicional porque acabou desconsiderando as individualidades, obrigando os jogadores a se adaptarem ao modelo. Assim, Guardiola é especialmente consciente que nossas projeções sobre o real tem eficácia limitada. O que fica do técnico é sua forma de entender o futebol, o seu estilo, e, quando pensamos no professor de EF, trata-se de *ensinar a imaginar formalmente o jogo*.

Guardiola pensa na *forma* do time para dominar o jogo,<sup>12</sup> com o que que todo treinador estaria de acordo, mas o que nos interessa é que ele pensa o jogo quanto à sua forma. Guardiola imagina o jogo, utiliza de sua experiência privilegiada, que o permitiu estar de corpo presente dentro do campo fazendo a contenção defensiva, organizando a saída de bola e vendo as situações de criação ofensiva (ou seja, todo o jogo). Essa experiência se organiza com sobreposição de figura sobre figura, que torna presente o passado e que, pela sua disponibilidade, Guardiola pode confrontar com as figuras que vê nos campos atuais, e a possibilidade de abstração, que permite pensar as táticas, como ataque posicional, como o “falso nove”. É como se ele andasse o tempo todo atrás de todo tipo de forma que tenha uma correspondência com a realidade, que seja inelutável. Busca informações com treinadores de basquete, handebol. Faz isso quanto a movimentos individuais (como, por exemplo, a melhor posição para o volante receber a bola no meio para que ele possa virar com eficiência e visualizar a melhor opção de passe rapidamente) e quanto à movimentos coletivos. Nesse sentido, Perarnau (2015) diz que Guardiola tem apreço por uma expressão

que aprendeu quando jogou no Brescia, na Itália: “*Eccolo qua!*” significa algo como “Aqui está!” que dirige, é claro aos jogadores quando pede que vejam uma evidência. As *dúvidas de Guardiola* se referem, portanto, a um desejo profundo de avaliar todas as possibilidades. Ele reconhece que é preciso aceitar o *outro*, que se manifesta principalmente nas derrotas. Guardiola analisa o jogo todo e também seleciona as jogadas, age tanto pontualmente, quanto à ideia geral. Esquadrinha o modo de defender e de atacar do adversário e por último como atacar esse adversário.

Então, neste momento, não estamos tratando do como fazer, de como ganhar e como dominar o futebol, mas do modo como Guardiola cerca o seu objeto. De suas doze horas de trabalho diárias, metade delas ele dedica a analisar os seus rivais. Guardiola cerca seu objeto, tenta inserir ideias e inovações táticas no jogo de futebol e foi isso que tentamos traduzir aqui.

Imaginar formalmente o jogo, tentando marcar formas no jogo, inserindo no reino da diferença e da sobre, o planejamento, certamente seria contracultural aqui no Brasil. Onde os alemães, segundo Perarnau (2015), procuram resolver o jogo na força e na velocidade, nos contra-ataques, a gente procura resolver na habilidade individual, recursos elípticos. Apesar de pensar que essa figura seria contracultural no Brasil, se consideramos sua inserção no futebol, quanto ao intra-campo, já vemos algumas evidências do mesmo no cenário tupiniquim (O Sport Club Corinthians Paulista, por exemplo, possui centro de inteligência, onde os profissionais pensam soluções e passam aos jogadores).

12 “Chegar a área [adversária] é fruto do processo de construção do jogo” (PERARNAU, 2015, p. 306).

## EPÍLOGO

Como seria possível compreender a natureza em movimento? A ciência tentou fazê-lo e as artes também. Em “A dúvida de Cézanne”, Merleau-Ponty mostra como o pintor passou toda a sua vida tentando expressar em pinturas como a sua percepção da natureza não obedecia as noções de tempo e espaço objetivos. Nesse sentido, seus quadros respondem à tradição da pintura clássica, que apostava na perspectiva e na clareza do traço, guardando grande afinidade com a ciência moderna. Cézanne buscava a realidade, mas se negava os meios para atingi-la (como a perspectiva e o traço), não objetualizava as imagens que percebia e se entregava ao caos das sensações. Estudava a paisagem e meditava diante da tela por horas antes de fazer o primeiro traço. Estudava também nas idas ao Louvre, quando adquiria conhecimento pelas pinturas tradicionais. Pelo privilégio à cor, mas mantendo também uma atenção ao traço (numa espécie de dialética também) procurava obter da natureza respostas: “Ele não quer separar as coisas fixas que aparecem ao nosso olhar e sua maneira fugaz de aparecer, quer pintar a matéria em via de se formar, a ordem nascendo por uma organização espontânea” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 131). *Cézanne escapava às alternativas prontas que lhe propunham.*

Como vimos, Guardiola nega a compreensão do aspecto tático do futebol a partir dos sistemas numéricos e que dividem o campo em setores: 4-4-2, 4-3-3, 3-5-2, entre outros. A organização tática do time é pensada desde a saída do goleiro, até as ações diante de duas linhas cerradas na frente da área adversária. O jogo é pensado não em setores e espaços cartografados, é

pensado quanto ao tempo, tempo de sair com a bola, tempo de causar superioridade numérica no meio-campo, tempo de desestruturar as linhas adversárias na frente de sua área, e por aí vai. Assim, o técnico retoma a tradição e procura reinventá-la a partir de observações atuais, como o pintor. Para Cézanne, o artista “[...] assume a cultura desde o começo e funda-a novamente [...] pinta como se jamais houvessem pintado” (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 139). Merleau-Ponty entende que o pintor perseguia o fenômeno da expressão, que “[...] não pode ser a tradução de um pensamento já claro, pois os pensamentos claros são os que já foram ditos dentro de nós ou pelos outros” (idem). Assim, não é permitido ao pintor ser um sujeito transcendental ou sujeito de sobrevôo, nem tampouco o seria ao técnico, ao contrário do que disse Wisnik (2008). Para o pintor se expressar, ele precisa de um fundo de experiência que sustente o seu esforço de expressão. “Que meus atletas me entendam!”, dizia o técnico catalão sobre o que mais buscava nos seus afazeres diários. Que as suas ideias pudessem tocar outras experiências, fazendo ir além de sua experiência individual um sentido que não está em parte alguma, convertendo o mundo em espetáculo era o que buscava Cézanne. Ora, com o que Guardiola sonhava na nossa primeira cena?

Uma teoria física nova pode ser provada porque a ideia ou o sentido estão ligados pelo cálculo a medidas que são de um domínio já comum a todos os homens. Um pintor como Cézanne, um artista, um filósofo devem não apenas criar e exprimir uma ideia, mas ainda despertar as experiências que a enraizarão nas outras consciências [...] Cabe esperar que essa imagem se anime para os outros. Então, a obra de arte terá

juntado vidas separadas, não existirá apenas numa delas como um sonho tenaz ou um delírio persistente [...] ela habitará indivisa em vários espíritos, presumivelmente em todo espírito possível, como uma aquisição para sempre (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 140)

O técnico catalão dizia que o que mais anseia é um estilo de jogo que fique na memória da torcida bávara e que resista a enxurrada do tempo. Sonha com isso.

O intuito aqui não é fazer comparativas, mas retomar o sentido da *dúvida* em ambos os mêties. Sendo assim, faltaria apenas clarificar o sentido de nossa aposta, que traduzimos em texto. Já dissemos que Wisnik (2008) identificou nos campos brasileiros a sobrevida da malandragem, como a expressão da criatividade humana resistente às estruturas desiguais, mas que sucumbe ao controle do capital. Isto alimentava o imaginário popular, “realizando” no palco futebolístico as possibilidades de existência recalçadas no palco social e apaziguando as possibilidades latentes de violência. Rocha (2004) identifica no Brasil contemporâneo uma outra forma de expressão das estruturas sociais materializada em cultura. Nesse sentido, ele anuncia uma luta simbólica pelo direito de expressão do social: de um lado a pontual crítica da desigualdade social sendo feita (exposição); do outro lado, “[...] a crença na velha ordem de conciliação de diferenças é mantida” (ROCHA, 2004, p. 31). Rocha (2004) vai mais longe do que vislumbramos aqui, interessa-se pela exposição das diferenças entre as classes sociais. Nos interessamos pela leitura, que vem antes da exposição, mas que também não negligencia as diferenças. A dialética da marginalidade que ele anuncia é expressar-se com a própria voz, assumir controle da própria imagem.

Portanto, vimos no primeiro cenário, a capacidade de prever encontrar seu esgotamento e se transmutar em vício; no segundo cenário, a legitimidade cultural da imprevisibilidade agonizando tanto no futebol quanto na cultura; no terceiro cenário, a previsibilidade comedidamente enfrentada, não de forma científica *per se*, e sim mais artística.

Quando, na cena brasileira persiste a figura do malandro (conciliador das diferenças) nos principais palcos, principalmente em Brasília, mantendo a elite privilegiada no alto da estrutura social, a esperança recai sobre uma “dialética da marginalidade” que exponha essas mesmas diferenças no real, no âmbito da cultura, que privilegie sua leitura crítica (ROCHA, 2004). Quanto ao aspecto intra-campo, Wisnik (2008) perdeu as criações do agente externo ao campo que se contenta em sonhar com as formas do jogo e passá-las aos seus jogadores e não dominar por completo a imprevisibilidade criadora de seus craques, entre eles Messi. Quanto ao aspecto extra-campo, Wisnik (2008) destaca o controle mercadológico do jogo de futebol, onde inclui o técnico, que coloniza um espaço de vivência lúdica (quase carnavalesco) das massas e recrudescer a violência.

Tratamos aqui de uma outra lente para ver a sociedade a partir do futebol, ao invés de um sujeito que transpõe as intrincadas redes do tecido social, transpassando uma estrutura desigual sem quebrá-la ao modo de dribles, um sujeito que vê o tecido social a exemplo de como vê as forças atuantes em um campo de jogo, que vê a estrutura desigual se refazer sob os seus olhos. E pode daí prever o próximo passo. Sendo assim, talvez possamos apostar na racionalização do reino elíptico, nas dúvidas de Guardiola.

**REFERÊNCIAS**

- BANC SABADELL. **Pep Guardiola & Fernando Trueba - Conversaciones sobre el futuro** [2011]. Disponível em: < <https://www.bancsabadell.com/cs/Satellite/SabAtl/Conversaciones-sobre-el-futuro/1191359489993/es/>> . Acesso em: 21/10/2015.
- LANG, Brandon. **Beating the odds: the rise, fall, and resurrection of a sports handicapper**. New York: Skyhorse Publishing, 2009.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. A dúvida de Cézanne. In: **O olho e o espírito**. São Paulo, SP: Cosac Naify, 2013.
- PERARNAU, Martí. **Guardiola confidencial: Um ano dentro do Bayern de Munique acompanhando de perto o técnico** que mudou o futebol para sempre. Campinas, SP: Editora Grande Área, 2015.
- ROCHA, João César de Castro. **A guerra de relatos no Brasil contemporâneo**. Ou: “a dialética da marginalidade”. Revista Letras (UFMS). v. 28-29, Jan./dez. 2004. p. 153-184
- TWO FOR THE MONEY. Direção: D. J. Caruso. Produção: James G. Robinson. Intérpretes: Al Pacino, Matthew McConaughey, Rene Russo, e outros. Roteiro: Dan Gilroy. Morgan Creek Productions; Universal Studios, 2006. 122 min, son., col., 35mm.
- WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

**THE DOUBTS OF GUARDIOLA****ABSTRACT**

It treats a peripheral aspect of teaching soccer in physical education classes: the (un) predictability. It builds on “Veneno Remédio”, by José Miguel Wisnik, and “Guardiola Confidential”, by Martí Perarnau, to discuss issues surrounding the subject, treating soccer as a practice that expresses particularities of Brazilian culture. It concludes that the investment in teaching the know-how of a coach presents an ethical and political advantage and is countercultural in contemporary Brazil.

**Keywords:** Soccer; Culture; Physical Education and Training

## LAS DUDAS DE GUARDIOLA

---

### RESUMEN

Examina un asunto periférico de la enseñanza del fútbol en las clases de educación física: la (im)previsibilidad. Se basa en “Veneno Remédio”, de José Miguel Wisnik y “Guardiola Confidencial”, de Martí Perarnau para debatir cuestiones relacionados con el tema, caracterizando al fútbol como una práctica que expresa particularidades de la cultura brasileña. Llega a la conclusión de que el foco en la figura del entrenador regala ventaja ética y política y es contracultural en el Brasil contemporáneo.

**Palavras clave:** Fútbol; Cultura; Educación y Entrenamiento Físico

---

Recebido em: novembro/2015

Aprovado em: março/2016